

CONSIDERAÇÕES SOBRE A INDUSTRIALIZAÇÃO PARANAENSE E NOVAS DINÂMICAS EM PEQUENAS CIDADES

Vitor Hugo Ribeiro
Paulo Sérgio Ribeiro

Resumo

Este trabalho tem por objetivo o estudo do processo de industrialização do Estado do Paraná, partindo de dois momentos históricos: o Paraná na primeira metade do século XX, e o Paraná na segunda metade do século em questão, quando ocorre a modernização da agricultura e a formação e intensificação dos complexos agroindustriais presentes no Estado. Este trabalho também dará atenção às novas dinâmicas econômicas em pequenas cidades, como, por exemplo, Loanda, que fugindo à lógica dos agentes do agronegócio que por maioria das vezes influencia as políticas de desenvolvimento local de muitas cidades paranaenses, acabaram por se especializar em novas atividades significativas para o desenvolvimento dessas localidades.

Palavras-chave: Paraná. Agroindústrias. Pequenas cidades. Desenvolvimento local.

1. INTRODUÇÃO

Ao se tratar da industrialização do Estado do Paraná, nos deparamos diante de certas perguntas do tipo: Por que o Paraná possui regiões tão distintas? Por que a economia da região Norte é tão diferente da capital Curitiba? Essas questões nos remetem à história e à inserção da economia do Estado à formação econômica brasileira. O Brasil, no decorrer da sua história, foi conhecido como grande fornecedor de matéria-prima e de alimentos, sendo que algumas áreas se especializaram, e tiveram significativos papéis industriais no território nacional. No entanto, algumas regiões em especial, no centro-sul do país, especializaram desde meados do século XX no setor secundário da economia, ou seja, nas indústrias de base, e de transformações. Neste caso, muitas localidades do país ofereceram matérias primas para essas áreas onde as primeiras indústrias surgiram. O Estado do Paraná na época não fugiu a essa regra, e teve na agricultura e no fornecimento de matérias-primas a principal fonte de renda¹.

No decorrer da segunda metade do século XX, a inserção da economia brasileira no cenário internacional modificou os antigos papéis econômicos que havia no território brasileiro, com a modernização do seu parque industrial e agrícola. Houve uma descentralização e expansão das indústrias para outras áreas do país, onde o Paraná foi contemplado com o parque industrial na região metropolitana de Curitiba, e o interior, foi se especializando cada vez mais na agricultura modernizada. Contudo, vale lembrar também que, em decorrência das políticas de desenvolvimento do Estado via Pólos regionais, formou-se no Paraná outros pólos industriais importantes (LIMA, 1998), como Arapongas (maior pólo moveleiro), Maringá e Cianorte (Textil), Cascavel- Toledo (Alimentos), e dentre outros. Está nessa origem, além do processo de ocupação do território paranaense, a grande diversidade sócio-econômica presente em nosso Estado.

Este trabalho, por tratar das indústrias do Estado do Paraná, e em especial do setor industrial e agroindustrial presente em pequenas cidades, levantará brevemente o processo histórico de formação dessa atividade no Estado, partindo de dois períodos históricos que merecem ser destacados: primeiro foi tratado da ascensão da atividade industrial no Estado antes da modernização da agricultura da década de 1970, pois havia atividades agrícolas que condicionaram a acumulação de capital e, conseqüentemente, investimentos no setor industrial

¹ Sobre esse assunto, ver Padis 1981. O Paraná no período foi um grande produtor de matérias-primas. A produção destinava-se para o abastecimento do mercado interno, e também para o comércio exterior.

paranaense. Outro período histórico importante para a intensificação do setor agroindustrial no Paraná aconteceu com as conseqüências do advento da modernização agrícola na segunda metade do século XX, quando o interior paranaense passou a se especializar, cada vez mais, nesta atividade.

Por fim, serão ressaltadas as novas dinâmicas em pequenas cidades que saíram da lógica do agronegócio e vem desenvolvendo indústrias baseadas na especialização local, tão importantes para o desenvolvimento dessas localidades como, por exemplo, em Loanda, Jaguapitã e Terra Roxa.

Esta pesquisa foi baseada em leituras de autores que trataram da problemática econômica do Paraná, dentre eles Pedro Calil Padis e Jaime Graciano Trintin, além de autores que trabalharam a problemática acerca das pequenas cidades paranaenses, e a inserção das mesmas nas diversas escalas geográficas.

2. O PARANÁ VISTO COMO UMA ECONOMIA PERIFÉRICA

Nesta parte do trabalho, não teve a pretensão de levantar o exaustivo processo de ocupação histórico do Estado do Paraná, que se deu em períodos e ciclos econômicos diferentes. A proposta foi trazer o resgate histórico da inserção da economia paranaense no cenário econômico nacional, na primeira metade do século XX quando houve o princípio de industrialização no território brasileiro, atividade localizada principalmente no Estado de São Paulo.

A cafeicultura paulista, e dentre outros, determinou o aparato infra-estrutural que preparou as condições para o desenvolvimento do setor industrial no Estado de São Paulo na primeira metade do século XX. Com a intensificação da atividade industrial, o Estado paulista atrelou para si praticamente todo o sistema econômico brasileiro e, com a expansão de suas indústrias,

todas as demais regiões do país passaram a contribuir, de alguma maneira, para o centro dinâmico da economia brasileira. Assim é que se assistiu a um poderoso fluxo de mão-de-obra, de capitais e recursos naturais para São Paulo. A considerável dianteira atingida por esse Estado, na geração da renda nacional, permitiu-lhe, paralelamente, desenvolver ainda mais o aparato infra-estrutural, a rede educacional, o setor terciário etc. E assim é que vimos, a cada momento, distanciar-se dos demais, cavando, mais e mais, a vala das disparidades regionais do país (PADIS, 1981, p.2).

Padis nos recorda sobre a divisão territorial do trabalho implantada no território nacional no período em que começa a desabrochar e a intensificar o setor industrial brasileiro, tendo como pioneiro nesse processo o Estado de São Paulo. O autor ainda assinala que

a economia paulista passou a agir, no tocante às dos outros Estados da federação, como se fosse uma metrópole econômica. Como a área que se industrializa exige matérias-primas, alimentos e outros produtos agrícolas, houve, internamente, uma maior integração econômica e uma conseqüente maior divisão do trabalho (PADIS, 1981, p.3).

Em decorrência disso, as demais regiões brasileiras passaram a servir São Paulo de matérias-primas e alimentos, e adquiriam produtos manufaturados paulistas. As políticas em infra-estrutura acabaram sendo voltadas às zonas industriais paulistas, que na época geravam divisas para a nação, pois, por ser uma economia base para os demais setores econômicos, o governo federal fomentava as exigências do processo de industrialização brasileiro.

Foi em decorrência desse processo, da concentração do parque industrial brasileiro no Estado de São Paulo, que se determinou o aparecimento de várias economias periféricas no território nacional (PADIS, 1981).

Nas primeiras décadas do século XX o Estado do Paraná inseriu-se na economia nacional e internacional por meio da produção da erva mate, e da madeira (TRINTIN, 2006). No entanto,

esse quadro mudou sensivelmente: a partir dos anos 30, uma nova frente de expansão estava se consolidando, com a progressiva ocupação e expansão da produção cafeeira no norte-paranaense. Em pouco tempo, o café passou a ser a base do desenvolvimento do Paraná e sua forma de inserção no mercado nacional até a década de 1960 (TRINTIN, 2006, p.41).

O Paraná nesse período apontado por Trintin (2006) foi se especializando na economia cafeeira, e na primeira metade do século XX ocorreu o processo de ocupação efetiva do Norte do Estado, e o principal motor econômico para esse advento foi a cultura cafeeira.

Essa importância da economia cafeeira para o norte paranaense, com o surgimento de muitas cidades devido a essa atividade, é explicado por Endlich (2006, p.59.) como *um capítulo da história do Brasil como grande produtor mundial do café e, por conseguinte, do papel desempenhado por esse país na Divisão Internacional do Trabalho*. Ainda de acordo com

a autora, *o primeiro fato decorrente da escala nacional e que ajuda a explicar a dinâmica ocorrida na Região é a dependência econômica brasileira que determina a pauta de produtos para a exportação* (ENDLICH, 2006, p.59). Fica nítido a importância da inserção da economia paranaense na formação econômico brasileira e, conseqüentemente, o papel que o Estado teve na divisão territorial do trabalho. Trintin (2006) aponta dois fatores importantes que impulsionaram a economia cafeeira no Paraná no tocante do século XX: um dos fatores se refere ao Acordo de Taubaté, que resultou num

controle bastante rígido sobre as novas plantações. Entretanto o acordo acabou por favorecer o plantio de café em áreas onde não havia nenhuma restrição; e o Paraná, por não apresentar, nesse período, nenhuma representatividade como produtor de café, pode tirar proveito dessa condição. Tanto é que produtores, principalmente de São Paulo, aceleraram a ocupação dessa região e passaram a efetuar sua produção em território paranaense [...] Outro fator que contribuiu para a ocupação da região e a expansão cafeeira foi a busca de novas terras por produtores paulistas, que viam sua produção cada vez mais decrescente devido ao esgotamento do solo e em uma conjuntura de preços baixos e restrições quanto ao plantio. Enquanto isso, as terras virgens paranaenses apresentavam melhores perspectivas e alta rentabilidade, possibilitando novas oportunidades e a perspectiva de maiores lucros na produção de café (TRINTIN, 2006, p.44).

No decorrer das décadas de 1950 e 1960, o Paraná foi o grande produtor brasileiro de café, onde a produção se dava, na sua grande maioria, no trabalho familiar e em alguns empregados assalariados. Houve no período uma grande leva de migrantes que facilitou o processo da economia cafeeira, assentados pelas empresas privadas e estatais na medida em que essa atividade foi se intensificando (TRINTIN, 2006). A economia cafeeira representou então uma nova fase de desenvolvimento econômico para o Paraná, com a diversificação dos setores agrícolas, industrial e do terciário, em decorrência da acumulação do capital gerada por essas atividades econômicas, pois

a renda gerada pela cafeicultura foi importante para o financiamento de grande parte da infra-estrutura econômica e social, principalmente em decorrência do crescimento populacional que passou a se verificar no Estado em razão das correntes migratórias que se estabeleceram nessa época e da crescente necessidade de escoamento da produção local (TRINTIN, 2006, p.63).

O setor industrial paranaense até meados da década de 1940 se mostrava estagnado e, na medida em que a atividade cafeeira foi se intensificando e propiciando acumulação de capital, a atividade industrial passou a ser fortemente impulsionada.

A tabela 1 nos apresenta os principais gêneros da indústria paranaense nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Conforme os dados apresentados, a produção industrial era pouco diversificada, predominando a produção alimentar e de madeira.

Tabela 1: Participação dos principais gêneros da indústria do Paraná no valor da transformação industrial nos anos de 1950, 1960 e 1970 (em %).

Gêneros	Anos		
	1950	1960	1970
Minerais não- metálicos	6,87	6,99	7,32
Metalurgia	1,38	2,79	3,29
Mecânica	2,34	1,10	3,33
Material elétrico e comunicação	0,06	0,74	0,55
Material de Transporte	0,39	1,12	1,79
Madeira	25,70	26,49	22,81
Mobiliário	3,21	2,74	3,95
Papel e papelão	9,29	4,95	5,27
Borracha	0,01	0,02	0,79
Couros e peles	1,48	1,36	0,85
Química	3,12	4,42	7,83
Farmacêutica e veterinária	0,12	0,17	0,17
Perfumaria, sabões e velas	1,36	0,48	0,33
Matérias plásticas	0,04	0,02	1,22
Têxtil	2,44	3,18	8,57
Vestuário, calçados	0,89	0,85	0,52
Produtos alimentares	31,17	37,15	23,99
Bebidas	6,51	2,75	3,02
Fumo	0,01	0,00	0,01
Editorial e Gráfica	2,38	1,79	3,18
Diversas	1,24	0,91	0,83
Total	100,00	100,00	100,00

Fonte: TRINTIN, 2006.

Como se vê na tabela anterior, a produção industrial do Paraná estava quase que exclusivamente voltada ao setor primário da economia, ou seja, voltada *para a elaboração das primeiras etapas do processamento de produtos primários, com reduzidas escalas de produção e fortemente dependente do setor agrícola* (TRINTIN, 2006, p.67). Naquele momento, o Paraná era visto como economia periférica por muitos estudiosos de economia e, o padrão de desenvolvimento econômico brasileiro passou a ser questionado porque se reproduzia no país relações típicas de centro- periferia, na medida em que o Estado de São Paulo se diversificava e liderava o processo de industrialização brasileiro via substituição de importações (PADIS, 1981).

Dentre as dificuldades encontradas no entrar da segunda metade do século XX que dificultava a industrialização e a diversificação da economia paranaense, era a carência em infra- estrutura que dificultava a integração do Estado como um todo, pois o Paraná era fracionado no Paraná Tradicional, Paraná cafeeiro- paulista, e no Paraná do Oeste, resultados das frentes pioneiras de ocupação do território paranaense. Neste sentido, foi elaborado um projeto paranaense de desenvolvimento sob a responsabilidade da Companhia de Desenvolvimento do Paraná (CODEPAR), sendo que os principais objetivos eram: incentivar a infra-estrutura visando a integração do Estado através do transporte rodoviário, na transmissão de energia elétrica e telecomunicações; a ascensão vertical da indústria paranaense no processo de substituição de importações; e o fortalecimento dos capitais pequenos e médios locais (TRINTIN, 2006).

Através desse processo, o Paraná se deparou diante de certas problemáticas para a realização dos seus objetivos, devido ao processo de industrialização brasileiro que já vinha dando passos fundamentais no Estado paulista, e isso dificultava o plano de desenvolvimento das demais regiões brasileiras. Esse fenômeno foi modificado principalmente no decorrer das décadas de 1960-70, quando houve a modernização da agricultura e a desconcentração produtiva em escala nacional. O Paraná passou a desenvolver o seu parque industrial na Região Metropolitana de Curitiba, e no interior do Estado, em virtude da proximidade da matéria-prima e da experiência nas atividades agrícolas e extrativistas, estas atividades foram intensificadas principalmente com a formação dos complexos agroindustriais (CAIs) (TEIXEIRA, 2002).

3. A NOVA ECONOMIA PARANAENSE PÓS 1970, E A FORMAÇÃO DOS COMPLEXOS AGROINDUSTRIAIS

A década de 1970 representou para a economia brasileira um período de crescimento notável e acumulação, ainda que permeada por constantes crises internacionais. Neste contexto, a agricultura passou a ser incorporada a esta dinâmica, e durante a segunda metade do século XX, um intenso processo de transformações caracterizado por uma dinamização econômica embasada fortemente pela urbanização, pela industrialização e pela modernização das técnicas de cultivo no campo, apareceram. Essa nova organização territorial reflete nitidamente nas novas políticas públicas.

As novas alianças entre capital e Estado terminaram por valorizar a especulação da propriedade territorial, e por outro lado políticas de financiamento, subsídios e créditos rurais atendiam os interesses envolvidos na grande produção agropecuária e agroindustrial, que por sua vez passaram a ser favorecidas² (DELGADO, 1985).

No momento em que a internacionalização da economia atingiu o setor agrícola, este passou a incorporar o modelo de exploração capitalista. O avanço das atividades agroindustriais em diversas regiões do país permitiu uma integração maior das mesmas com o conjunto da economia.

Nota-se que, historicamente, as preocupações das políticas públicas para a agricultura foram (até início dos anos 1990) voltadas muito mais ao crescimento da produção, sobretudo destinada à exportação. *Fato que culminou nessas características observadas nos discursos sobre o campo que omitem ou negam a sua expressão social e as lutas de classes* (GRAZIANO DA SILVA, 1996, p.45).

O Estado do Paraná é caracterizado, historicamente, por um povoamento orientado nas diversas fases econômicas pelas quais percorreu. Essas fases resultaram num processo de povoamento irregular com algumas destas parcelas territoriais sendo ocupada segundo motivações da economia de momento, principalmente nos anos 1970, simultaneamente ao

² A expansão da área de produção era estimulada pelas políticas de crédito e pelos subsídios oficiais, por isso quanto maior fosse a áreas, maior seria o subsidio. De acordo com MB associados (2004, p.11) “ A área total cultivada com as principais lavouras passou de 20 milhões de hectares 1965 para 45 milhões em 1980. Ao mesmo tempo a agroindústria se modernizou, aumentando o investimento em equipamentos, de insumos modernos. O credito subsidiado permitia compensar o mercado de fatores (fertilizantes, defensivos) fechado, que praticava preços maiores que os internacionais”

processo de desarticulação da estrutura cafeeira, atividade produtiva predominante no Norte do Estado. Esse processo de modernização foi muito eficiente na sua difusão, porque impôs condições de produção sem as quais tornam-se inviáveis quaisquer atividades agrárias com fins comerciais. Tendo como base principalmente a mecanização, o uso de novos elementos e insumos químicos e biológicos, bem como a aplicação de novas formas de trabalho, as transformações na produção agropecuária foram enormes. De um lado houve um ganho de produção e produtividade, com conseqüente aumento da renda agrícola; de outro, os resultados trágicos, como a expulsão da mão-de-obra rural para os centros urbanos.

No Paraná, as cooperativas agropecuárias tiveram um importante papel no processo de modernização da agricultura, levando os produtores associados a aderirem rapidamente às inovações tecnológicas, especialmente ao pacote tecnológico da soja, atuando como centros propagadores da mesma modernização. Para tal sentido, foram estimuladas pelo poder público que concedeu [...] *crédito a longo prazo para a instalação de infra-estrutura (silos, escritórios, armazéns, etc.) e do tratamento preferencial na consecução de políticas agrícolas.* (HESPANHOL ; COSTA, 1995, p.374). Pode-se notar que as cooperativas atuaram como agentes da modernização e diversificação no campo.

Delgado (1985, p.165) afirma

que é a partir da modernização agropecuária na década de 1970 que o setor cooperativista também se moderniza, sendo nesse em que surge a figura da multicooperativa; entidade que se assemelha com uma empresa controladora de um grupo empresarial pela diversificação setorial e espacial de operação econômica.

É justamente a cultura da soja o fator mais representativo da modernização na agricultura paranaense, especialmente no Norte do Estado. O sucesso econômico da substituição ao café no Norte do Paraná se deveu à condição de essa cultura possuir: inovações pré-adquiridas como sementes selecionadas; um processo de produção totalmente mecanizado desde o plantio até a colheita; a capacidade de aliar interesses, que impulsionaram o seu cultivo: o das indústrias processadoras e exportadoras do produto e do Estado que teve incluído um produto de grande aceitação na pauta de suas exportações. A soja, que constituiu a cultura mais dinâmica na década de 1970, onde se introduziram os elementos principais que conduziram às transformações quantitativas da agricultura paranaense, teve resfriado seu dinamismo nos anos de 1980, mas mesmo na atualidade ainda é o principal produto em relação ao valor de produção.

ROLIM (1995, p.63) ressalta que *outro fator a ser considerado é a imposição de uma lógica global de produção, circulação e consumo na agricultura, em detrimento da autonomia dos espaços locais*. É constituída então, uma agricultura científica-globalizada que direciona as atividades agrícolas decidindo o que e onde vai ser produzido (SANTOS, 2002). Finalmente, vale mencionar as características oligopólicas dos setores que trabalham na interface agricultura-indústria. Segundo Albuquerque; Garcia (1988, p.13),

esse fato é que justamente caracteriza a existência do chamado “Sistema Agroindustrial”. Essa condição reflete a difusão de um modelo extremamente concentrador propagado pelas políticas de desenvolvimento no Brasil. Ainda que na atualidade o Complexo Agroindustrial esteja conceitualmente superado.

O chamado complexo Soja representou um dos principais alicerces para a estruturação das cooperativas nessa nova base produtiva, em que a industrialização passou ser meta. Para o país, e em especial ao estado do Paraná, as transformações espaciais provocadas pela soja foram intensas, principalmente no que diz respeito à reestruturação das relações sociais (BERNARDES, 1996).

As transformações sociais desse processo são de fácil observação, pois a expansão da agricultura moderna intensiva em capital e tecnologia impossibilitou a reprodução social de muitos pequenos agricultores que foram excluídos do processo de produção agrícola. Com isso, a concentração de terras foi se ampliando nas mãos dos grandes produtores.

A organização das cooperativas conseguiu, nos anos seguintes, atingir os objetivos de transformar toda a estrutura produtiva agrícola, orientando e induzindo a modernização tecnológica e diversificação da produção agropecuária regionalmente, segundo os interesses de expansão dos capitais e agregação de valor via agroindústria. Por outro lado, uma forte crise afeta o setor cooperativista paranaense em meados dos anos 1980, motivada pela crise na agricultura e escassez de financiamentos que resultaram em endividamentos (FAJARDO, 2007).

Em meados da década de 80, as cooperativas agropecuárias após significativa expansão, desde aquelas que se mantiveram com estruturas tradicionais até as que exibiam modernas e complexa estrutura agroindustriais, passaram a evidenciar graus significativos de endividamento, esgotamento na capacidade de gerar obras e, conseqüentemente, limitadas possibilidades de manter as mesmas taxas de crescimento apresentadas anteriormente (MARANDOLA; LUGNANI, 2001, p.60)

Com a consolidação da integração das cooperativas, o objetivo delas passa a ser um desenvolvimento, de forma planejada, que permitisse a montagem de infra-estrutura para o recebimento da produção diversificada, como armazéns e silos, mas, sobretudo, que atingisse um crescimento vertical através da agroindustrialização.

Muitas cidades paranaenses tiveram papéis decisivos na formação dos complexos agroindustriais, tendo os seus nomes difundidos pelo território nacional, e até mesmo internacionalmente. Como apresenta o Quadro 1, algumas cidades paranaenses, inclusive cidades demograficamente pequenas, aparecem no cenário econômico nacional como tendo inseridas em seus municípios unidades de produção agroindustrial. Pesquisas realizadas pelo Anuário Exame (2008) levantaram dados das quatrocentas maiores agroindústrias do Brasil, das quais quarenta e quatro estão espalhadas pelo território Paranaense. Como mostra o quadro, os segmentos agroindustriais que mais se destacam no Paraná são a fabricação de óleos, farinhas e conservas; madeira e celulose; aves e suínos; fabricação de adubos e defensivos e, mais recentemente, o Paraná vem se destacando no setor sucroalcooleiro.

<i>Agroindústria</i>	<i>Segmento Industrial</i>	<i>Municípios</i>	<i>População Municipal (2007)</i>
Kraft Foods	Óleos, Farinhas e conservas	Curitiba	1.797.408 h
Coamo	Óleos, Farinhas e conservas	Campo Mourão	82.530 hab.
C. Vale	Aves e suínos	Palotina	27.545 hab.
Philip Morris	Fumo	Curitiba	1.797.408 h
Diplomata	Aves e suínos	Cascavel	285.784 hab.
Lar	Óleos, Farinhas e conservas	Medianeira	38.397 hab.
Cocamar	Óleos, Farinhas e conservas	Maringá	325.968 hab.
Integrada	Óleos, Farinhas e conservas	Londrina	497.833 hab.
Batávia	Leite e derivados	Carambeí	16.521 hab.
Milenia	Adubo e defensivos	Londrina	497.833 hab.
Fertipar	Adubo e defensivos	Curitiba	1.797.408 h
Usaçúcar	Açúcar e Álcool	Maringá	325.968 hab.
Coopavel	Aves e suínos	Cascavel	285.784 hab.
Copacol	Óleos, Farinhas e conservas	Cafelândia	13.065 hab.
Yoki Alimentos	Óleos, Farinhas e conservas	Paranavaí	79.110 hab.
Castrolanda	Algodão e grãos	Castro	65.363 hab.
Da Granja	Aves e suínos	Curitiba	1.797.408 h
Cooperativa Batavo	Leite e derivados	Carambeí	16.521 hab.
Frimesa	Aves e suínos	Medianeira	38.397 hab.
Placas	Madeira e celulose	Curitiba	1.797.408 h
Corol	Algodão e grãos	Rolândia	53.437 hab.
Pesa	Revenda de máq. E insumos	Curitiba	1.797.408 h
Trombini	Madeira e celulose	Curitiba	1.797.408 h
Stora Enso	Madeira e celulose	Arapoti	25.645 hab.

Globo Aves	Aves e suínos	Cascavel	285.784 hab.
Cacique	Café	Londrina	497.833 hab.
Copagril	Aves e suínos	Marechal C. Rondon	44.562 hab.
Nortox	Adubo e defensivos	Arapongas	96.669 hab.
Berneck Painéis	Madeira e celulose	Araucária	109.943 hab.
Cocari	Café	Mandaguari	31.890 hab.
Confepar	Leite e derivados	Londrina	497.833 hab.
Cia. Iguaçu	Café	Cornélio Procópio	46.931 hab.
Piratini	Adubo e defensivos	Curitiba	1.797.408 h
Coasul	Nutrição e Saúde Animal	São João	10.900 hab.
Nutrimetal	Óleos, Farinhas e conservas	S. José dos Pinhais	263.622 hab.
Capal	Algodão e grãos	Arapoti	25.645 hab.
Santa Maria	Madeira e celulose	Guarapuava	164.567 hab.
Sudati	Madeira e celulose	Palmas	40.485 hab.
Iguaçu celulose	Madeira e celulose	S. José dos Pinhais	263.622 hab.
Palmali	Aves e suínos	Maringá	325.968 hab.
Insol	Óleos, Farinhas e conservas	Curitiba	1.797.408 h
Coagru	Algodão e grãos	Ubiratã	21.214 hab.
Miforte	Madeira e celulose	União da Vitória	51.043 hab.
Cofercatu	Açúcar e Álcool	Porecatu	14.174 hab.
Compensados Guararapes	Madeira e celulose	Palmas	40.485 hab.
Café Damasco S.A	Café	Curitiba	1.797.408 h
Vale do Ivaí	Açúcar e Álcool	S. Pedro do Ivaí	9.569 hab.
Usaciga	Açúcar e Álcool	Cidade Gaúcha	10.468 hab.
Usina Bandeirantes	Açúcar e Álcool	Bandeirantes	32.290 hab.
Lavoura S.A	Algodão e grãos	Paranaguá	133.559 hab.
Sabarálcool	Açúcar e Álcool	Engenheiro Beltrão	13.867 hab.
Tratornew	Revenda de máq. E insumos	Ponta Grossa	306.351 hab.

Fonte: Anuário EXAME, 2008-2009.

Organização: RIBEIRO, 2009.

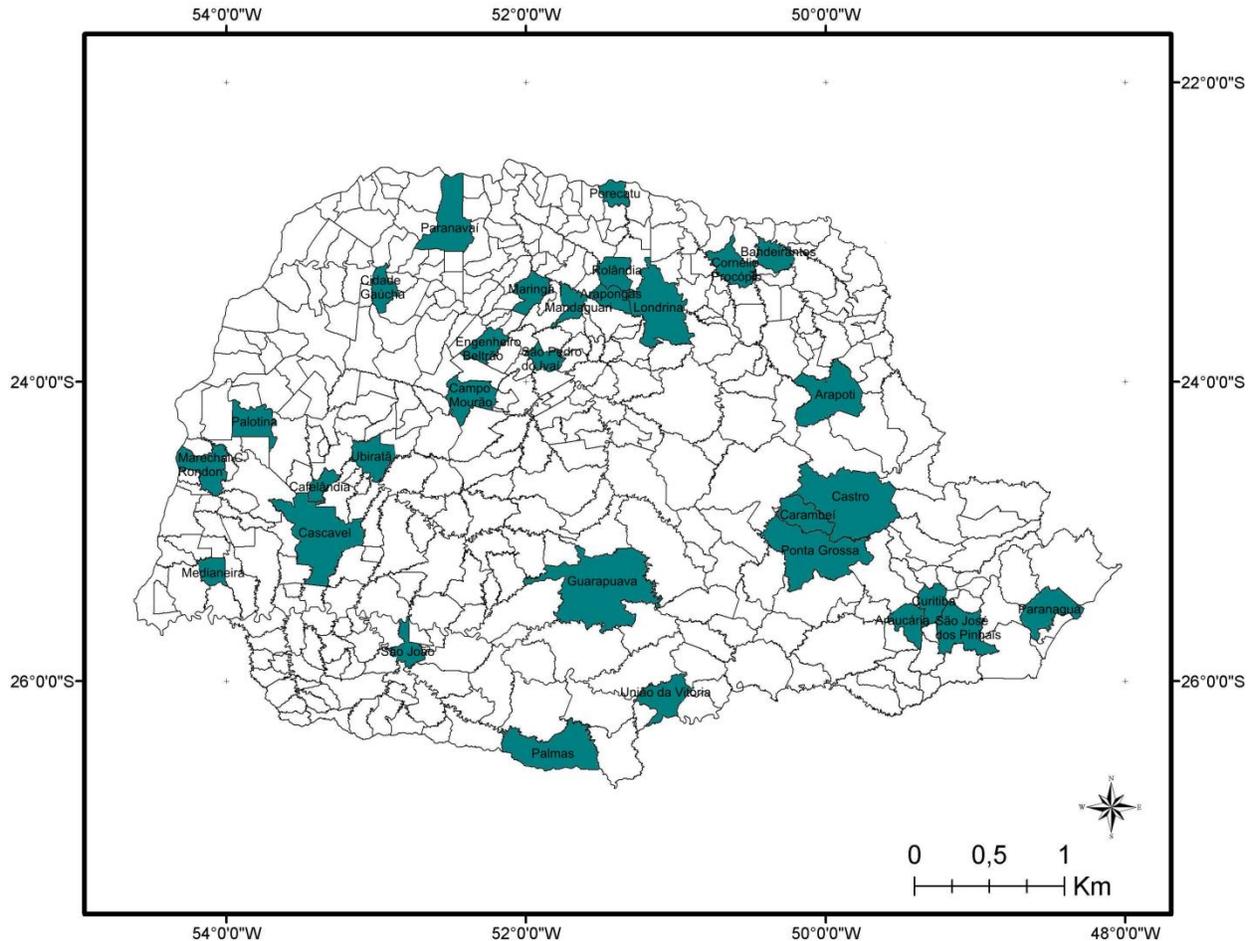
Quadro 1: Estado do Paraná, maiores agroindústrias, 2008-2009.

É notável a localização geográfica das agroindústrias, pois como se observa, o complexo agroindustrial se forma e se intensifica nas atividades anteriores a esse momento. Podemos pegar como exemplo, os segmentos voltados à produção de madeira e celulose, localizados quase que exclusivamente nos municípios das mesorregiões sudoeste, centro-sul, sudeste, e metropolitana paranaense (Figura 1).

Em momento anterior a modernização da agricultura, essas localidades já vinham praticando a extração da madeira, principalmente das matas de araucárias, pois nessas regiões, em virtude das características físico- geográficas, o clima, o solo, e em especial a altitude, condicionaram o aparecimento desta vegetação presente no território paranaense, que acabou sendo a base para um dos ciclos de ocupação territorial que se deu em detrimento da vegetação natural.

Os segmentos voltados à criação de aves e suínos também se enquadra a regra exposta anteriormente, pois são encontrados majoritariamente no Oeste Paranaense, região que teve como uma das principais atividades de colonização a criação de suínos e aves realizada pela frente

pioneira Sudoeste. Salvo algumas localidades do estado como em Maringá, Londrina e Curitiba se diversificaram no setor agroindustrial, tendo diversos segmentos e atividades dos ramos alimentícios, adubos e defensivos, derivados da soja, dentre outros.



Fonte: Anuário Exame, 2008-2009.
Org: RIBEIRO, 2009.

Figura 1: Estado do Paraná, localização geográfica dos maiores segmentos agroindustriais Paranaenses conforme o Anuário Exame-2008/09.

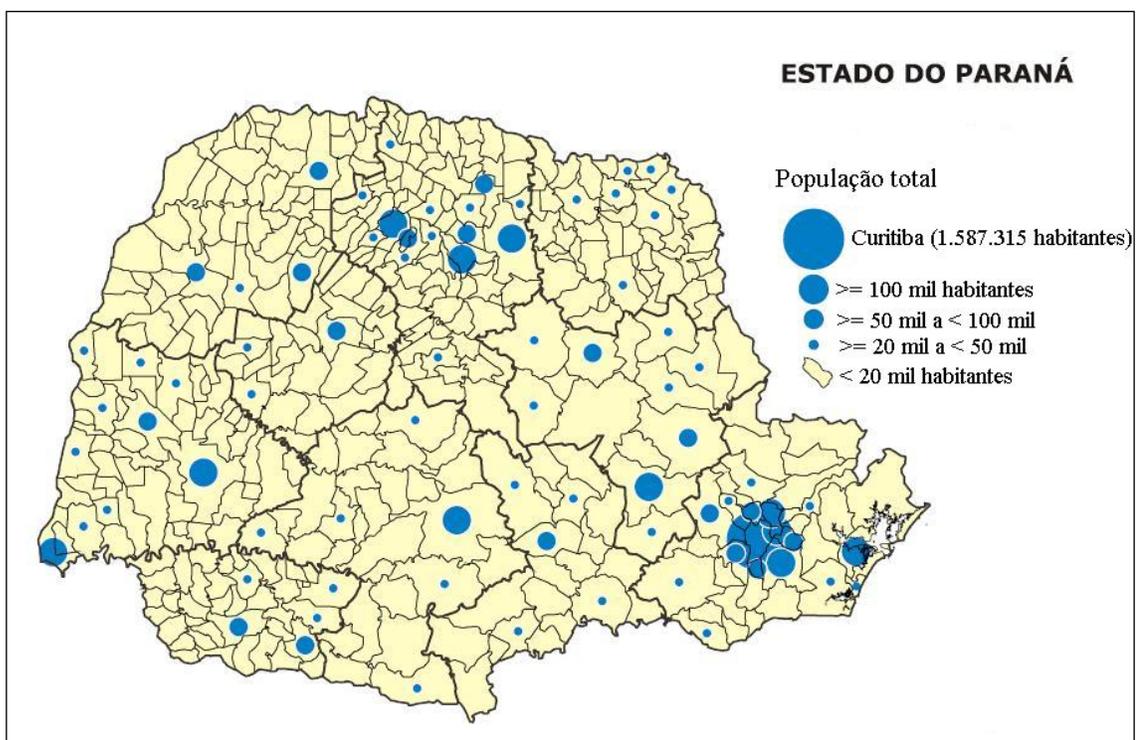
Vale lembrar que esse processo de industrialização do setor agropecuário paranaense, de um lado condicionou a acumulação de capital e desenvolvimento de muitas cidades do Estado, de outro, esse processo de modernização do campo causou a destruição do emprego e, conseqüentemente, a expulsão do homem da zona rural.

O café, que no passado impulsionou o surgimento das diversas cidades no Norte Paranaense, baseava-se não apenas em um cultivo, mas em toda uma forma de produzir que nesta

região consistia em uma estrutura fundiária baseada em pequenos estabelecimentos e em uso intensivo do trabalho. Tudo isso se modifica com o processo de modernização agrícola e com a entrada de novas culturas no campo (RIBEIRO, 2008).

Em decorrência desse processo, desde aquele momento, muitos municípios paranaenses vêm perdendo considerável número de habitantes, visto que nestas localidades, e em especial nas cidades demograficamente pequenas, não existe oferta de outros postos de serviços para absorver a demanda de trabalhadores que vinham do campo. Os resultados são o enorme número de pequenas cidades que, mesmo providas de algumas agroindústrias, vêm perdendo habitantes em virtude da falta de opções para os mesmos.

Outro exemplo de agroindústrias em cidades demograficamente pequenas são às do ramo sucroalcooleiro. Como apresentado no Quadro 1, as unidades de produção do setor que mais se destacam no cenário econômico nacional estão inseridas em pequenas localidades como em Porecatu, com 14.174 habitantes, São Pedro do Ivaí, com 9.569 habitantes, Cidade Gaúcha, Bandeirantes e Engenheiro Beltrão com 10.468, 32.290 e 13.867 habitantes, respectivamente.



Fonte: IPARDES, 2000.

Figura 2: Estado do Paraná, classes de tamanho dos municípios, 2000.

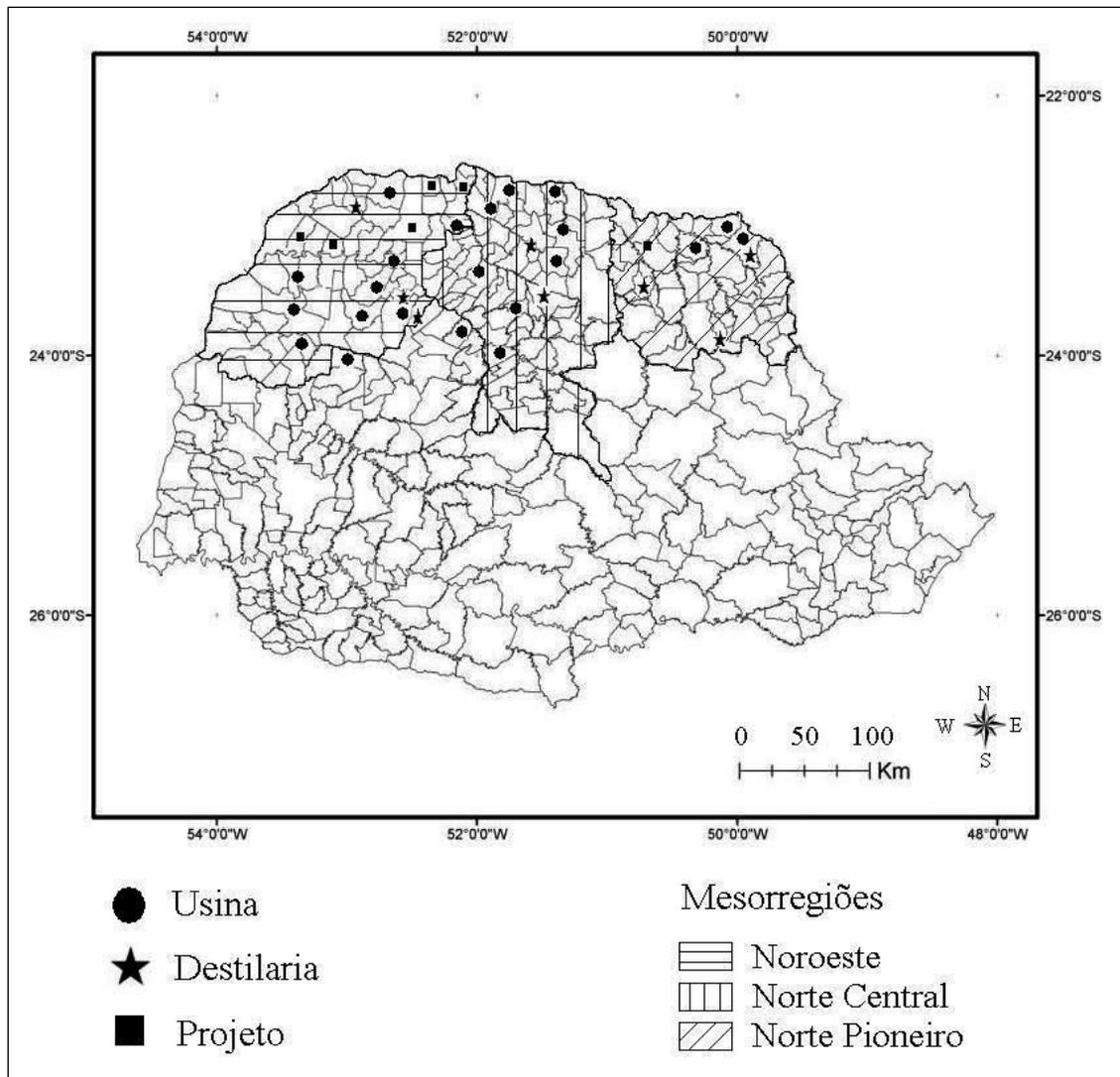
Contudo, não são apenas essas unidades de produção do ramo sucroalcooleiro que desenvolvem a atividade canvieira em nosso Estado. Há mais de 30 unidades produtoras que estão inseridas majoritariamente em cidades demograficamente pequenas.

Para efeito de correlação de informações, a seguir apresentam-se duas figuras mostrando, a primeira, a classe de tamanho dos municípios paranaense conforme população total, e a segunda a distribuição das unidades do setor sucroalcooleiro.

Percebe-se através da figura 2 a predominância no Paraná de municípios demograficamente pequenos. Esse resultado de perda populacional vem em decorrência da intensificação da modernização agrícola³, que além da concentração de terras, também foi excludente no que diz respeito à fixação do homem no campo. Com o êxodo rural, esses municípios deixam disponíveis boa parte da mão-de-obra para as agroindústrias e, em especial no ramo sucroalcooleiro, o setor encontrou um verdadeiro exército de reserva de mão-de-obra que garantiu a apropriação da sua mais valia. São nestes pequenos municípios que o setor agroindustrial canvieiro foi, e continua sendo inseridos através de projetos de unidades produtoras, sendo que alguns já concretizados.

Observa-se na figura 3, comparando-a com a anterior, que as unidades produtoras de açúcar e álcool estão, na sua maior parte, inseridas em pequenas cidades, e de forma mais significativa na mesorregião Noroeste Paranaense, onde há o maior número das mesmas instaladas.

³ É preciso ressaltar que existem municípios no Paraná criados décadas depois da modernização agrícola. Contudo, os mesmos apresentam um número populacional muito baixo. Resultados das novas dinâmicas de polarizações de rendas, em municípios pólos regionais. Sobre o assunto, ver LIMA (1998).



Fonte: RIBEIRO, 2008.

Adaptado: RIBEIRO, 2009.

Figura 3- Estado do Paraná, localização das agroindústrias sucroalcooleiras, 2008.

Portanto, é preciso levar em consideração que essa forte presença do setor agroindustrial no Norte do Paraná não significou, via de regra, o papel especial para o desenvolvimento das cidades locais. Houve no contexto histórico, cidades pequenas que tiveram outros papéis industriais, saindo da lógica do agronegócio. São cidades que se especializaram em outros ramos industriais, importantes para a inserção das mesmas no cenário econômico nacional.

4. PEQUENAS CIDADES E NOVAS DINÂMICAS LOCAIS

Embora o Estado do Paraná apresente uma relativa força econômica no setor agroindustrial, também é preciso considerar, ao se pensar em pequenas cidades, que, algumas delas apresentam outros papéis econômicos e novas oportunidades que contribuem com o desenvolvimento local dos municípios, onde muitas atividades vêm sendo reconhecidas em nível de escalas econômicas não só local, mas também nacional.

A temática acerca das pequenas cidades não é nova nos estudos realizados pela Geografia Urbana no Brasil, porém esses estudos são inferiores quando se trata dos trabalhos acadêmicos voltados às cidades médias e às metrópoles brasileiras. No entanto, alguns geógrafos demonstraram preocupações com as reflexões sobre as pequenas cidades como, por exemplo, Santos (1979); Corrêa (1999, 2004) e Endlich (2006).

Muitos destes trabalhos foram realizados, como observa Fresca (2009),

a partir da análise da inserção dos núcleos em redes urbanas regionais e proliferaram no contexto sobre a necessidade de se estudar cidades de nível não metropolitano. Expandiram-se os estudos sobre as cidades pequenas, haja vista que a intensificação da reestruturação produtiva impôs para estas, outras demandas que possibilitaram o desempenho de novas centralidades no contexto das redes urbanas (FRESCA, 2009, p.41).

Desta forma, os estudos sobre as pequenas cidades e suas dinâmicas no contexto urbano (...) *têm haver com as intensas modificações na organização sócio-espacial brasileira que provocaram transformações nas redes urbanas e permitiram a realização de novos papéis nestas cidades* (FRESCA, 2009, p.41).

Em especial no Estado do Paraná, muitas pequenas cidades passaram por reestruturação produtiva que acabaram condicionando novas atividades, desligando-se parcialmente da lógica do agronegócio tão forte e influente nas políticas de desenvolvimento destas localidades.

Usando Fresca como referência, esta dinâmica pode ser exemplificada por três cidades do norte do Paraná que foram analisadas pela autora como ponto de reflexão. Num primeiro momento, far-se-á uma reflexão sobre a cidade de Loanda, localizada no extremo noroeste da rede urbana paranaense. Posteriormente, breves considerações sobre os municípios de Jaguapitã e Terra Roxa.

A mesorregião Noroeste Paranaense, na qual está inserida a cidade de Loanda, sentiu de maneira significativa as mudanças no setor agropecuário após os anos de 1970, quando houve a

modernização agrícola e a intensificação da mesma. Antes desse período histórico, a cafeicultura era a principal atividade da região, e com o processo de modernização do campo, o noroeste paranaense passou a se destacar na pecuária com a criação de gado de corte. O município de Loanda passou a se inserir nesse processo de expansão das pastagens, assim como outras cidades da rede urbana do noroeste paranaense (FRESCA, 2009).

Esse fato se deu em detrimento de uma série de funções que desapareceram, sem que houvesse substituição imediata por outras no contexto de nova atividade produtiva. Seguindo a lógica da modernização da agricultura e no impacto regional que a mesma proporcionou na região noroeste paranaense, muitos municípios foram perdendo população, principalmente no que diz respeito àquela de origem rural. Em especial na cidade de Loanda, o município também apresentou esse decréscimo populacional, principalmente no meio rural (FRESCA, 2009).

Loanda só não apresentou um decréscimo populacional mais acentuado por causa de novas especificidades que atraíram migrantes à essa região, quando da construção de uma hidroelétrica que foi fundamental para a nova reestruturação produtiva do município. No entanto, com o término da construção da mesma, uma parcela desta população migrou para a cidade de Rosana-SP, diminuindo a população municipal de Loanda (FRESCA, 2009). Porém esse decréscimo populacional não se mostrou tão acentuado como em outras cidades do noroeste paranaense, pois, em 1960 Loanda apresentava 20.612 habitantes e, em 2006 esse número caiu para 19.464 habitantes (FRESCA, 2009). A manutenção dessa população no município de Loanda se deu, principalmente, com o advento das novas dinâmicas locais, que ofertaram mão-de-obra para a população que vinha da zona rural.

Dentre as atividades produtivas que vem se destacando em Loanda, destaca-se a construção de uma fábrica de torneiras pelo empresário Salvador Duarte na década de 1980, com o objetivo de atender as demandas do saneamento básico, que culminou com a primeira indústria de metais sanitários da cidade: a Imperatriz Metais.

No tocante a esse processo empreendedor na cidade, muitos empresários abriram este tipo de negócio sem ter idéia de como o processo produtivo acontecia. Desta forma não suportando uma produção por muito tempo em decorrência de muitos problemas que vinham surgindo como, por exemplo, no que diz respeito às questões de cunho administrativo, à burocracia, às questões ambientais e entre outros, essas firmas acabaram sendo incorporadas a outras indústrias mais bem estruturadas.

Embora com dificuldades, o setor tem prosperado e conta atualmente com 23 indústrias produtoras de metais sanitários (FRESCA, 2009). Sobre o assunto, Fresca destaca que

o mercado consumidor deste setor tem sido bastante ampliado, envolvendo praticamente todo o território nacional, estimando em cerca de 40% do mercado interno, mas tendo maior concentração geográfica no centro- sul do país, exceto no Estado de São Paulo- seguido por alguns Estados da Região do Nordeste. O segmento de modo geral é especializado em produtos de linha popular, não concorrendo com grandes marcas como DECA, (colocada como a maior controladora individual do segmento no mercado interno e grande exportadora) e DOCOL (controla cerca de 19% do mercado nacional) (FRESCA, 2009, p.59).

A cidade de Loanda, mesmo sendo uma cidade local com fraco nível de centralidade (FRESCA, 2009), com esta especialidade acabou se inserindo na rede econômica nacional, interagindo com as demais escalas econômicas regionais, visto a sua importância neste setor econômico. Fresca (2009) ainda ressalta que

esta produção insere a cidade de Loanda em uma gama muito variada de interações espaciais e de relações de produção e consumo, muito complexas. É uma cidade local, com fraco nível de centralidade expressando oferta de bens e serviços fundamentais que atendem sua população local e aquelas de municípios adjacentes localizados (FRESCA, 2009, p. 61).

Essa dinâmica exercida pela centralidade da cidade de Loanda é ainda explicada por Fresca (2009, p.61) em decorrência não apenas à oferta de bens e serviços, mas também da *presença de estabelecimentos de redes nacionais e regionais de móveis e eletrodomésticos, perfumes, calçados, de serviços de saúde, ensino, jurídicos, dentre outros.*

Esses novos papéis econômicos surgidos na cidade de Loanda foram importantes para a inserção do município na dinâmica da rede urbana no noroeste paranaense, atrelando para si novos significados e funções no que diz respeito à sua produção e circulação de bens e serviços.

Este processo que evidencia a especialização na produção de bens também pode ser observado em Jaguapitã, localizada na mesorregião Norte Central Paranaense. O município apresenta uma população aproximadamente de 12.414 habitantes (IBGE 2009), que assumiu o controle nacional em produção de mesas de bilhar.

No caso de Terra Roxa, município localizado na mesorregião Oeste Paranaense com uma população estimada em 16.734 habitantes segundo IBGE- 2009, a cidade tornou-se a referência da “moda bebê”.

Assim como em Loanda, o desenvolvimento das atividades em Jaguapitã e em Terra Roxa privilegiou cidades demograficamente pequenas, sendo reconhecidas no cenário econômico de âmbito nacional.

Nesse encaminhamento há que ser referida a percepção e ação de agentes locais em valorizar e dar maior importância a estes lugares, tornando-os capazes de dar rumos diferentes à cidade. Isto é importante, porque a industrialização instaurada na rede urbana não foi resultado da transferência de setores paulistas, ou comandada pela indústria paulista, e sim do desenvolvimento próprio que para alguns setores acabou se tornando competitivo com aquele similar metropolitano paulista.

É neste conjunto que temos cidades com um setor industrial numericamente expressivo, como Londrina, Cambé, Ibiporã, Rolândia, Arapongas, Apucarana, Campo Mourão, Marialva, Maringá, Paranavaí, Cianorte e Umuarama. Todavia é importante referenciar que outras cidades do estado também passam por forte expansão da produção industrial como Toledo, Cascavel, Francisco Beltrão, União da Vitória, Terra Roxa. Simultaneamente a esta densidade produtiva instaurada na rede urbana, ocorreu ainda a melhoria geral da circulação, enquanto etapa necessária entre produção, distribuição e consumo.

Paranavaí e Cianorte, além dos segmentos agroindustriais do ramo sucroalcooleiro, também são locais de agroindústrias da mandioca, além das indústrias de confecções; Campo Mourão reconhecidamente uma cidade de forte produção agroindustrial que gera cerca de 4 mil empregos, (Coamo e suas coligadas), é também o lugar onde se amplia a produção especializada de equipamentos odontológicos e hospitalares.

Não se deve esquecer, entretanto, a forte produção industrial dispersa por todo o norte do Estado vinculado aos complexos agroindustriais, sejam eles de sistemas cooperativos ou da iniciativa privada de capital nacional ou internacional que responde por significativa participação na geração de renda, empregos, no PIB estadual, nas exportações do estado, dentre outras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apenas esboçou brevemente algumas considerações sobre o processo de industrialização do Estado do Paraná, mais especificamente da agroindustrialização, fortemente caracterizado por todo o Estado. É possível observar, através deste texto, a força do agronegócio no Paraná, que por sua vez condiciona as políticas públicas locais ao seu favor, sempre em benefício deste setor econômico. Muitas cidades, principalmente as cidades pequenas do Estado, vêm sofrendo fortemente o impacto da agroindustrialização imposta pelos agentes do agronegócio. Isso exige nossa atenção, pois muitas destas localidades vêm desenvolvendo novas dinâmicas e novas especialidades econômicas importantes para o desenvolvimento local. Com isso, as reflexões acerca das pequenas cidades no Paraná precisam constantemente ser revistas, no âmbito da rede urbana, decifrando novas dinâmicas e papéis em seu âmbito.

6. REFERÊNCIAS

ANUÁRIO EXAME. **Agronegócio**. Junho, 2008. Páginas 66 à 82.

BERNARDES, Julia A. As estratégias do capital no complexo soja. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo C. da C. ; CORREIA Roberto L. (Orgs.). **Questão atuais da reorganização do território brasileiro**. Rio de Janeiro: Bertram Brasil 1996.

CORRÊA, R.L. Globalização e reestruturação da rede urbana- uma nota sobre as pequenas cidades. **Território**, Rio de Janeiro. v. 4, n.6, p.43-53, jan-jun.1999.

_____. Posição geográfica das cidades: discutindo conceitos. **Cidades**, Presidente Prudente. v. 1, n. 2, p.317-23, jul-dez. 2004.

DELGADO, Guilherme. **Capital Financeiro e agricultura no Brasil**. Campinas: Unicamp/Icone, 1985.

FAJARDO, Sérgio. Discussões sobre territorialidade econômica e as transformações na paisagem e no espaço rural pela ação de Trades agrícolas e cooperativas no Paraná. **Campo-Território**. Revista de geografia agrária, v. 2, n. 3, p. 17-39, fev. 2007.

ENDLICH, Ângela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do Noroeste do Paraná**. UNESP, Presidente Prudente, 2006, 505p.

FRESCA, Tania Maria. Redefinição dos papéis das pequenas cidades na rede urbana do Norte do Paraná. In: ENDLICH, Ângela Maria; ROCHA, Márcio Mendes. **Pequenas cidades e desenvolvimento local**. 1ª Ed. Maringá: PGE, 2009, páginas 41 a 68.

GOMES, Paulo C. da C. ; CORREIA Roberto L. (Orgs.). **Questões atuais da reorganização do território brasileiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 1996.

GRAZIANO DA SILVA. José. **A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HESPANHOL, Antonio N.; COSTA, Vera M. H. M. **A importância das cooperativas no processo de modernização da agricultura paranaense**. Boletim de Geografia Teórica. Rio Claro, v 25, n 49 -50, p. 373 – 384. 1995.

IPARDES, Disponível em:
<http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras_reg_meso_noroeste.pdf>
<http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/dimensao_social/02_classe_tamanho.pdf> acesso em:
18/03/2009.

LIMA, Rosalina Ferreira. **A experiência paranaense de planejamento**. 1998, 160p. Dissertação (mestrado em economia)- Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

MARANDOLA, Maria e. ; LUGNANI, Antonio Carlos. **Cooperativas agropecuárias no norte do Paraná: crescimento e capitalização da Valcoop e da Crol no período 1970 – 98**. Revista Paranaense de Desenvolvimento. Curitiba, n.101, p.60, jul./dez. 2001.

MAZZALI, Leonel. **O Processo recente de reorganização agroindustrial: do complexo à organização “ em rede”**. São Paulo: Unesp. 2000.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma Economia Periférica: o caso do Paraná**. São Paulo, HUCITEC, 1981, 235p.

ROLIM, Cássio F.C. **O Paraná urbano o Paraná do agribusiness: as dificuldades para a formulação de um projeto político**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, n86, p 49 – 99 set./dez., 1995.

RIBEIRO, Vitor Hugo. **O avanço do setor sucroalcooleiro do Paraná: dos engenhos às usinas**. 2008. 60 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização** 9ª Ed. São Paulo : Record, 2002.

_____. Espaço e sociedade. Petrópolis:Vozes, 1979. 152p.

TEIXEIRA, Wilson Antônio. **O processo de desenvolvimento geoeconômico do complexo agroindustrial cooperativista na mesorregião Norte Central paranaense**. 2002, 343f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

TRINTIN, Jaime Graciano. **A nova economia paranaense: 1970-2000**. Maringá, Eduem, 2006, 190p.